



## O CRUZEIRO E OS USOS DE PERIÓDICOS NA PESQUISA SOBRE A AFIRMAÇÃO DO ESTADO AUTORIÁRIO NO BRASIL

### O CRUZEIRO AND THE USE OF PERIODICALS IN RESEARCH ON THE AFFIRMATION OF THE AUTHORITARIAN STATE IN BRAZIL

Taís Temporim de Almeida <sup>1</sup>

#### RESUMO

A História do Brasil se emaranha com o surgimento e desenvolvimento de uma imprensa em terras brasílicas. Isso, pois, mesmo que sutilmente, ambas se coligam de modo muito particular frente agentes e meandros históricos-políticos-sociais. Nessa estreita ligação, a mídia sempre esteve presente em eventos, sujeitos e locais específicos que definiram importantes situações e/ou rumos políticos do país. À vista disso, é possível, portanto, que se denote como reconhecer esses sujeitos na dianteira de dados momentos do hiato período-local, permite à imprensa profícuas averiguações sobre dadas espacialidades, temporalidades, seus agentes e interjeições. Porquanto, aqui carregam-se observações acerca do início do Regime Militar brasileiro, em que os delineados estruturais, sociais, bem como os interesses que envolviam o período são concebidos ante os impressos desse momento. Para tanto, reconhece-se a fluidez, essencialidade e singularidade da fonte periódica nas contribuições aos estudos históricos, bem como o papel dessa na afirmação e justificação do Golpe Militar (1964), debate ponderado em especial a partir da revista fluminense *O Cruzeiro* (1928 – 1985), na Edição Especial de 10 de abril de 1964. Assim, *O Cruzeiro*, sua cadeia de donos, produção e motivações que o levaram a apoiar, afirmar e justificar o novo Governo instaurado em 1964 são explanados nas discussões aqui presentes, fundamentadas a partir de concepções predecessoras e contemporâneas ao Golpe Civil Militar de 31 de Março de 1964, bem como nos objetivos e interesses em voga do discurso.

**Palavras-chave:** Estado Autoritário. Mídia Imprensa. *O Cruzeiro*.

#### ABSTRACT

The history of Brazil is entangled with the emergence and development of a printing press in Brazil. This is because, even if subtly, both are brought together in a very particular way in the face of historical-political-social agents and intricacies. In this close connection, the media has always been present in specific events, subjects and places that defined important situations and/or political directions in the country. In view of this, it is possible, therefore, to denote how recognizing these subjects at the forefront of given moments of the period-place hiatus allows the press to make fruitful inquiries about given spatialities, temporalities, their agents and interjections. Because, here we carry

---

<sup>1</sup> Acadêmica formada em História, Pós-graduanda em História, Cultura e Poder pela Universidade do Sagrado Coração (USC – Bauru/SP) e mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp – Campinas/SP).



observations about the beginning of the Brazilian Military Regime, in which the structural, social outlines, as well as the interests that involved the period are conceived in the face of the printed material of that moment. To this end, the fluidity, essentiality and uniqueness of the periodical source in the contributions to historical studies are recognized, as well as its role in the affirmation and justification of the Military Coup (1964), a debate considered in particular from the Rio de Janeiro magazine *O Cruzeiro* (1928 – 1985), in the Special Edition of April 10, 1964. Thus, *O Cruzeiro*, its chain of owners, production and motivations that led it to support, affirm and justify the new Government established in 1964 are explained in the discussions presented here, based on conceptions prior to and contemporary to the Civil Military Coup of March 31, 1964, as well as in the objectives and interests in vogue of the discourse.

**Keywords:** Authoritarian State. Media Press. The Cruise.

## INTRODUÇÃO

A História do Brasil, enquanto nação, tem muitas ligações e meandros – talvez não tão facilmente identificáveis -, com a imprensa. Isso, pois, ambas crescem simultaneamente em terras brasileiras; haja vista que os prelos sempre se encarregaram de registrar os eventos e contextos histórico-culturais-sociais brasileiros (DE LUCA, 2005. SERPA, 2007). Ademais, é possível que se convencie como a primeira pode ser facilmente estudada, mediante os questionamentos de tempo, objeto, interesses e sujeitos à segunda (SERPA, 2007. MARTINS; DE LUCA, 2008). Pois, a mídia impressa, ao dedicar-se ao olhar diferenciado sobre os acontecimentos, construiu-se, ao longo do tempo, como um facilitador do entendimento sobre eventos específicos da História do país. Assim, entre esse espaço profícuo de discussões, sujeitos e agentes históricos brasileiros se fundem sob personagens que se encarregam das definições econômica, social e cultural do país, pois são – imprensa e seus chefes -, essencialmente próximos, como agentes singulares que definiram diversos dos rumos do país ao perpassar dos séculos (SERPA, 2007. MARTINS; DE LUCA, 2008).

Dito isso, desde seu início no Brasil, ainda como colônia portuguesa, a imprensa se encarregou de ser discursivamente tendenciosa a interesses comuns de alguns segmentos sociais específicos. Principalmente, ao atender pelo discurso a motivações próprias e muito característicos. No mais, um breve salto entre os séculos, permite que se perceba como essa definição da imprensa como canalizada a inclinações particulares, manteve-se como constante no Brasil e sua linha do tempo. Sobretudo e de modo mais evidente no século XX, período ao qual debruçam-se as principais discussões aqui presentes. Isso, pois, apesar de marcas



conjunturais, essencialmente em sentidos inovadores, que balizam algumas modificações sobre grande parte dos escopos e impressos brasileiros da época nas grandes cidades e capitais, as mesmas não abarcam, às tutorias das mídias. Posto que as tradicionais e grandes famílias, seguem manifestando seus interesses de modo a ainda os perpetuar nas definições políticas do país através de suas publicações (SERPA, 2007. MOURA, 2011).

Logo, ao longo da História, a imprensa sempre se evidenciou como meio difusor de ideias, concretização de princípios e visões, como se presta em suas intenções. No Brasil, de modo muito característico, essa disseminação de informações decorreu de grande influência de nomes atreladoa a grandes famílias e heranças, como é o caso de um dos donos da popular cadeia de impressos *Cruzeiro S. A.*, Assis Chateaubriand. São nomes como esses os responsáveis pela ampliação de público e tecnologia nos prelos brasileiros, haja vista que carregam investimentos ao setor. Essas operações, com o decorrer do tempo, implicam sobre a popularidade e assiduidade dos impressos entre todas as parcelas da população. Pois, no século XX, a industrialização e urbanização a passos largos assomam-se das modernidades da luz elétrica, do telefone, cinema, bondes elétricos, automóveis, máquinas de escrever entre outros e propiciam vias de ampliação dos espaços de leitura. Movimento esse sedimentado pelas inovações trazidas a campo pelos investidores e pela modernidade como um todo, em que os próprios periódicos e grande quantidade de publicações impressas que circulavam o país, se materializam pelo acesso e difusão de informação às grandes massas (SERPA, 2007).

É possível, portanto, que se conceba como nesse espaço de tempo em particular, com o aumento dos espaços e locais de leitura, as “páginas de jornais, panfletos e revistas (...) se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação” no âmago da sociedade brasileira, como um ilustre cortejo de palavras, imagens e um sutil interlocutor de discursos muito dirigidos e /ou particulares (LUCA, 2005, p.119). Assim, essa característica o torna material especialmente fecundo ao descortinar de alguns aspectos do cenário que envolveu o Brasil antes e durante os primeiros instantes do Regime Militar. Já que carrega consigo um vasto período antecessor de contruções de motivos topográficos – passíveis de estudos -, bem como produções de opinião, que expressaram discursos próprios e permitiram a construção de paralelos e/ou bases ao entendimento do cenário nacional às vésperas do Golpe de 1964.



Nesse sentido, analisar o jornal e demais periódicos que permeiam questões sociais antecessores, contemporâneos e posteriores ao ano de 1964, permite que se compreenda quais eram os interesses sociais, os interlocutores bem como o tom em voga nos discursos dos impressos do período (VIEIRA et al, 1984. ZICMAN, 1985). Ademais, a imprensa, como fonte primária, diversa, rica em tempos, espaços e temas, torna-se fonte por excelência de reconstrução histórica, ora pela privacidade do discurso, ora por, em tempos de censura sublimar, instantânea e imediata nos periódicos e produções cotidianas, delinear os registros da cotidianidade (ZICMAN, 1984. DE LUCA, 2005. MARTINS; DE LUCA, 2008). Por esse motivo, despender a essa estudos e averiguações aprofundadas, permite riqueza de (re) constituições sobre o período de 1964, pois evidencia aspectos importantes do meio sociocultural que essa permeou, do mesmo modo que vislumbra aspectos suscitantos sobre diversos agentes e segmentos da História (MOTTA, 2013).

Entretanto, o estudo sobre a imprensa é recente em muitas e grandes proposições. Pois, em muito se considerou como a carga de subjetividade dos escritos era um restritivo de sua confiabilidade (VIEIRA et al, 1984). Ainda, muitos de seus enfoques, em uso há tempos, possuíam, segundo críticos da fonte, limitantes ao estudo do período que corresponde à Ditadura, haja vista que hoje muitos e maiores focos analíticos sobre a questão são permitidos, necessários e evidenciados com o passar dos anos. Não obstante, hoje assinala-se o jornal como fonte ao passo que também é objeto, porque divulga, informa, denuncia, perpetua e estampa valores, principalmente, ao dar sonoridade e sentido às vozes abafadas dos múltiplos segmentos e sujeitos histórico-sociais em suas letras. O que evidencia sua importância (MOTTA, 2013).

À vista disso, o período consubstanciado na Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985) conjuga-se como produto de uma série de situações e eventos predecessores, que, quando assomados, formularam questões políticas e sociais específicas. As quais acabaram por levar à iminente ascensão de um governo militar. Isso, pois, frente a situações imagéticas e discursivas, propostas nas grandes publicações do eixo Rio-São Paulo, manifestou-se como o comunismo e seus meandros, concebida socialmente uma ameaça a diversos setores brasileiros à época. Todavia, é possível que se balize a ação e aporte de membros da Igreja Católica, mídia conservadora, militares, classes médias, bem como alguns interesses estrangeiros, como os principais articuladores da ideia do Golpe de 1964 (KNACK, 2014). Em vista disso, a



solução autoritária surgiu como consenso social, que, irrevogavelmente, ao amanhecer do dia 31 de Março de 1964 instaurou um regime autoritário em Brasília, o qual veio a permanecer no poder por duas décadas, suprimindo direitos, e sobretudo, à imprensa. (KNACK, 2014).

Portanto, compreende-se como a mídia e alguns setores sociais, foram nítidos opositores do governo de Goulart, pois, manifestaram em suas páginas a insatisfação que os cerceava enquanto grupos opositores, editores e diretores. Além disso, ao levar em conta como “todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro” (ZAICMAN, p. 90, 1985), o periódico aqui elencado para análises – a revista fluminense *O Cruzeiro* (1928 – 1985) -, desde anos antes do Regime Militar, antecipava como os Chateaubriand, ao explicar em suas páginas a oposição a Jango, ressoariam mais tarde em uma conspiração contra o líder, além de apoiar e aplaudir, dias depois, a intervenção de alas do Exército sobre o governo brasileiro (CEPDOC, 2009. NACK, 2014). À vista disso, salienta-se, ainda, como, em muito, a imprensa atendia às demandas sociais que a cercavam socialmente, mas, sobretudo, lidava com seus próprios interesses e visões no seu escopo. Sem, no entanto, prever a censura que a aguardava.

Assim, ao apoiar e se sublevar com o Golpe Civil-Militar que viria a se concretizar em 1964, de modo geral, não se tinha consciência do que viriam a ser os anos subsequentes da instalação do Marechal Castelo Branco e seus sucessores no poder. Pelo contrário, firmava-se a uma crença, quase devotada, sobre a áurea de restauração da ordem e do discurso moralizante em voga nas falas e/ou proposições militares. Logo, permite-se pela análise “atrás, dentro e em frente” ao jornal (ZICMAN, 1985), contribuir para que se dimensione o que ocorria em movimentos decisivos do Golpe de 1964, bem como os que o sucederam. Esse se dá aqui, principalmente, pelo uso da Edição Especial de 10 de Abril de 1964, em que Nasser, já na posição de diretor do Semanário, constrói um número que delimita-se a tecer elogios e ponderar positivamente sobre a recente intervenção militar em toda a concepção da revista.

Isto posto, ao reconhecer a imprescindibilidade da imprensa nas páginas da História do Brasil, assim como sua maior singularidade na história recente do Golpe civil-militar de 1964, esse artigo se presta a analisar a posição particular do Semanário ilustrado *O Cruzeiro*, atrelado à tradicional família Chateaubriand. Assim, antes e durante os primeiros momentos do governo militar, a publicação é analisada; mais detalhadamente em um edição especial de



Abril de 1964. Para tanto, se faz uso de aportes teórico-metodológico de estudiosos dedicados à História da Imprensa e sua aplicabilidade, especialmente, no estudo do período militar brasileiro

Desse modo, essas páginas se estruturam de modo a evidenciar como se deu o desenvolvimento do periódico analisado, bem como suas tendências e motivações para que, mais tarde, se conceba sua atuação na justificação e afirmação do governo autoritário que se instalou no Brasil em meados de 1960. Com objetivos similares, em momento posterior, analisa, particularmente, a Edição Especial produzida pós-intervenção militar, no dia 10 de Abril, construída especialmente para afirmação de nomes (re) conhecidos no ato interventor. Com isso, pretende sublevar como se deu a construção de um ideário militar e sua pretensa áura de restauração e reestruturação de um Brasil ameaçado pelo jugo comunista.

## **O CRUZEIRO: CHATEAUBRIAND, POLÍTICA, INTERESSE E IMPRENSA**

*O Cruzeiro* foi um semanário ilustrado, fundado por Assis Chateaubriand, sediado no Rio de Janeiro que objetivava, desde sua fundação na década de 1920, uma nova maneira de fazer jornalismo, que envolveria, essencialmente, diferenciada diagramação, estética e concepções jornalísticas (CAZARIN; MENEZES, 2014). Teve como período de circulação os anos de 1928 e 1985, com uma breve interrupção na década de 1970, quando já não contava com muitos anunciantes ou boas relações com os órgãos governamentais. Em 1975, quando de seu fechamento decretado pelos associados, um movimero de volta se marca alguns anos mais mais tarde, o que o traz de volta às bancas em 1977, com a esperança de que seus tempos áureos retornassem (CEDOC, 2009. CAZARIN; MENEZES, 2014. BRASIL, 2015). Entretanto, o desejo não se concretizou, pelo fato de não possuir o mesmo apelo, vigor, inovação e circulação vislumbrado nas décadas anteriores.

A História da produção carrega-se de elementos que remetem ao patriotismo, bem como estreita ligação com a Nação. Desde seu nome, *Cruzeiro*, que dialoga com o símbolo de navegação no hemesifério Sul - o Curzeiro do Sul -, perpassando pela moeda nacional, o Cruzeiro, até a ideologia que permeia boa parte de suas páginas; é possível que se note algum aparato que justifique a ampla circulação e aceitação da revista entre a população brasileira (MOURA, 2011). Ademais, sua difusão pode ser lida também na linha editorial, que além da



modernidade inerente a todos os esforços de Assis Chateaubriand, impunha elementos como a consisão e popularidade de assuntos e/ou posições, o que lhe permitia atingir maior número de leitores mediante essa característica (SERPA, 2007. MOURA, 2011). Ainda, temáticas como moda, religião, saúde e demais generalidades fatigadas nos gostos populares, se sobrepunham no interesse da população, garantindo assiduidade por parte dos leitores.

Assim, cheia de simbolismo e predisposto a fazer jornalismo de um modo antes nunca utilizado pela imprensa local da época, contou com um Chatô que valorizou a reportagem em *O Cruzeiro*, mas assomou a essa o uso da caricatura, da pintura, da fotografia, colorida, o que abriu, no Brasil, os caminhos ao fotojornalismo e toda ideia de modernidade que esse pressupunha (SERPA, 2007). Logo, apesar de suas primeiras décadas marcarem-se pela definição genérica de revista semanal ilustrada, o avançar dos anos resguardou a uma das publicações mais famosas e bem recebidas do grupo do empreendedor significativas mudanças. Ao passo que a revista garantia aumento de público gradual, inseria seu jornalismo opinativo implícito nas proposições, todos muito proximais e requeridos aos interesses da família Chateaubriand. Todavia, em dado momento da existência do semanário, a predominância de conteúdos jornalísticos se deu sobre as dicas coitianas. Principalmente, no que concerne a situação política que envolvia o Brasil à época, a qual foi centro de acaloradas discussões pelos editores e diretores do semanário, a década de 1960 (SERPA, 2007. MOURA, 2011).

Esse avanço conteudistas faz com que o produto *O Cruzeiro* fosse lido cada vez mais por amplo segmento populacional, atingindo o Brasil quase em sua totalidade. Sempre levando em conta aspectos que não ultrapassassem limites da ordem social e/ou moral da pátria (SERPA, 2007. MOURA, 2011). No entanto, é válido que se considere e subleve como, desde o início de sua circulação, em 10 de novembro de 1928, a publicação teve aceitação ampla em todas as maiores cidades do Brasil, pelas proposições que trazia e a fazia manter correspondentes internacionais em Lisboa, Paris, Roma, Madri, Londres, Berlim e Nova Iorque. O que estimulava sua aquisição, além de garantir que não fosse restritiva do ponto de vista econômico, apenas restando a Chatô e seus associados administrar os próximos passos na disseminação de seu magazine. Desse modo, garantiu-se que o semanário circulasse entre diversos segmentos sociais brasileiros através de sua leitura facilitada e acessível promovida pelo fotojornalismo profissional, inserido pioneiramente no Brasil através da figura de Jean Mazzon (BAMMANN, 2013).



Assim, enquanto símbolo-síntese uniu, mesmo que de modo paralelo, elementos que reverberam um *Cruzeiro* patriota, de ideias predominates a favor do Brasil, que deixa de ser apenas uma produção ilustrada em algum momento, para ser uma revista de predominante posição jornalística/opinativa, que atende ao chamado das massas para o foco político-social, algumas décadas depois de seu icônico lançamento (MOURA, 2011). Essa mudança se assinala com maior impeto à década de 1940, ainda hoje considerada a melhor fase do periódico, quando substituindo Assis Chateaubriand, tem sob à sua direção Frederico Chateaubriand, o que revebera uma fase concreta e harmoniosa, que trouxe grandes nomes ao centro do semanário, permanecendo até as décadas posteriores (CEDOC, 2009. CAZARIN; MENEZES, 2014. BRASIL, 2015).

À frente da revista se sublevam as realizações da dupla David Nasser, jornalista, e do fotógrafo francês Jean Manzon, que envolviam o escopo como um todo, o que revolucionou a proposta do *Cruzeiro* e deixou mais evidente seus objetivos e motivações. David Nasser, reconhecido por dar “pouca importância para os fatos e muita importância para o efeito de suas reportagens” ao lado de Jean Manzon, marcam-se pela editoração de materiais polêmicos, em que assinavam como próprias informações de outros autores e/ou reproduziam eventos sem ter comparecido ao local para noticiá-lo (SERPA, 2007. O ESTADO DE SÃO PAULO, 2015). Contudo, ascendem como dois dos nomes mais relevante do corpo editorial, na década de Frederico Chateaubriand à frente dos negócios, o que formula o *status* de artistas a ambos profissionais pelo reconhecido trabalho realizado na revista e aumenta a fama do Semanário (SERPA, 2007).

Com dada relevância, Nasser torna-se o principal redator e, mais tarde, um dos diretores mais importantes da revista. Nas referidas posições, ocupou-se em atacar nomes políticos antes e depois da instauração do Golpe de 1964, através de seus artigos semanais, bem como das acusações de corrupção e/ou enaltecimento do Regime Militar. Atos compartilhados em interesses com os donos da franquia. Nesses movimentos é pertinente que se observe como já mostrava a linha de sua publicações antes e, principalmente nas evidentes construções da Edição Extra, em 10 de abril de 1964: “Edição Histórica da Revolução” a qual receberá maior atenção na parte posterior deste artigo (CEDOC, 2009. CAZARIN; MENEZES, 2014. BRASIL, 2015).



Assim, o periódico veio a ser um dos mais poderosos e brilhantes produtos das franquias editoriais da família Chateaubriand, o que o assinala como um dos membros do quarto poder nas decisões do país (MARTINS; DE LUCA, 2008). Mediante a ampla tiragem que a produção atingiu – chegando a setecentos mil exemplares na década de 1960 -, a função política se tornou clara em muitos acontecimentos da história do país. Ora por sua circulação entre todos os espaços brasileiros, ora por sua eficiente metáfora de ligação entre política, elites social/religiosa e o público leitor, que se manifestava nitidamente entres os discursos de suas reportagens (SERPA, 2007. MARTINS; DE LUCA, 2008). Logo, a poderosa revista do grupo de Chatô, se marca como instrumento de dois fios, pois, atuou na “função de eleger e de derrubar presidentes e governos, um exemplo foi o próprio Vargas, que o magazine ajudou a levar ao poder, mas que também ajudou a depor em 1944 (...)”, bem como incentivar “o golpe militar de 1964, que depôs o presidente João Goulart” por meio de suas proposições (SERPA, p. 6, 2007), o que debateremos a seguir.

#### **A EDIÇÃO HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO DE 10 DE ABRIL DE 1964**

Poucos dias após o fatídico 31 de Março de 1964, a Revista *O Cruzeiro* lança a edição especial dedicada à “Histórica Revolução”. O número especial contou com 450 mil exemplares vendidos, ampla exaltação de nomes participantes e particularidades muito claras no que tange o discurso empregado e/ou defendido pela Revista. As manifestações favoráveis ao novo governo se caracterizam e podem ser lidas no limiar das edições anteriores do número especial de Abril. Isso, pois, desde a década de 1950, o *Cruzeiro* definiu claro posicionamento frente a dualidade Estados Unidos e União Soviética, por meio do modo de vida estimulado e em vias de ser instaurado no Brasil pelas proposições de sus páginas, anúncios, notícias e dicas, todos muito bem trabalhados e disputos entre as páginas de sua publicação (SERPA, 2007. MOURA, 2011). Ademais, a forte oposição a João Goulart também marca as construções predecessoras desse número, em que se faz presente em uma pequena imagem e uma legenda também nessa edição (Imagem 5).

Dentre as manifestações do discurso, o enaltecimento de nomes como Magalhães Pinto, Lacerda e Castelo Branco, por exemplo, marcam a recepção acalorada sobre os meios e caminhos que se vislumbravam nos militares. Sobretudo, como heróis para eliminar a corrupção, o comunismo e a subversão do Brasil (CEPDOC, 2009. BRASIL, 2015). O que



justifica a consagração, de boa parte das parcelas populacionais brasileiras, com que se clamou e recebeu um governo interventor, prestes a eliminar a esses três últimos. Não obstante, não se restringe apenas aos aludidos setores apoiadores do Golpe a aclamação que recepcionou Castelo Branco mas, sim, a diversos agentes histórico-sociais, estimulados pelo discurso que se impregnava no Brasil há algumas décadas sobre o fantasma do Comunismo, em voga nos grandes diários consumidos amplamente por esses.

De modo técnico, a edição do semanário contou com 425 mil exemplares e foi dirigida por Nasser, posição na qual já se encontrava há considerável tempo, desde quando Frederico Chateaubriand tomou a frente dos negócios da família em 1940. A direção de David subleva a clara politização pela qual o veículo passava desde décadas anteriores, em substituição às seções mais cotidianas e banais. Nesse número em particular, contou com 16 textos divididos em matérias, artigos e entrevistas (Imagem 1), que, além do jornalismo opinativo, contaram com o tradicional e reverberado fotojornalismo por quê se reconheceu *O Cruzeiro*, afora de estruturação muito particular que remete imediatamente às proposições político-ideológicas de Nasser e dos próprios associados responsáveis pela produção. Principalmente, quando leva-se em conta que os artigos que sucederam à publicação principal da Revista, o texto “Saber Ganhar”, assinado pelo diretor nas páginas 4 e 5 (Imagem 3), seguem ordem semelhante a elencada pelo texto central. Isso, pois, os elementos apresentados por Nasser em seu texto são, exatamente, os mesmos em ordem, que vêm a construir nas páginas seguintes as matérias em voga na publicação de 10 de Abril.

Imagem 01: Sumário da Edição de 10 de Abril de 1964.

<b>SUMÁRIO 10 / ABRIL / 64</b>	
<b>A REVOLUÇÃO PELA ORDEM</b>	
O começo do fim	6
Por que Jango caiu	10
Minas em guerra	12
Minas hora a hora	16
São Paulo fica de pé	18
São Paulo hora a hora	26
A batalha da Guanabara	28
O carnaval da vitória	34
Guanabara hora a hora	36
Os quarenta do Forte	38
<b>Front de São Paulo</b>	<b>46</b>
<b>Rumo à Guanabara</b>	<b>48</b>
<b>Front de Minas</b>	<b>50</b>
<b>A crise vista de Brasília</b>	<b>56</b>
<b>ARTIGO</b>	
David Nasser	4
<b>E MAIS</b>	
Entrevistas dos líderes	44
A marcha da fé	58
Cochichos	63

“O CRUZEIRO” - EXTRA, 10-4-1964

**NA CAPA:** O Governador Magalhães Pinto, logo após a vitória da rebelião que comandou contra a comunização do País, é beijado por sua nora, D. Terezinha de Magalhães Pinto, esposa do Sr. Eduardo Magalhães Pinto. O País entrava num período de ordem. (Foto de José Nicolau)

Fonte: *O Cruzeiro*, Edição Extra, 10 de Abril de 1964.



Ademais, é necessário que se evidencie como a publicação não apresentou o discurso puramente letrado. Pelo contrário, se munuiu das formas fotográficas, títulos, legendas e termos expressivos na elaboração de um discurso nitidamente afirmativo, que positivou os eventos/personagens retratados. Isso se sobrepõe de modo muito límpido nas adjetivações carregadas a um dos artífices do Golpe – Magalhães Pinto -, todas embasadas em conotações muito pessoais e positivas. A imagem da capa (Magalhães sendo parabenizado pela vitória pela nora), se torna a primeira referência da revista a seus posicionamentos, espaço que sobrepõe o reconhecido e excelente fotojornalismo que consagrou as edições de *O Cruzeiro*, em que manifesta de modo fecundo a união dos discursos escritos e imagéticos ao pintar Magalhães do modo que era requerido: um vencedor do povo.

Assim, na construção do líder revolucionário, a figura de um homem vitorioso, preciso e rápido da primeira página assoma-se à construção positiva das páginas 12 a 15, que pela reportagem “*Magalhães o Herói da Revolução*”, retrata o governador mineiro de modo simpático, prestativo e positivo ao dar a notícia ao povo mineiro, bem como celebrado como grande líder nos braços do povo em uma sequência de fotos muito bem selecionadas (Imagem 03). Nota-se ainda como na reportagem estão mais presentes as imagens, pois posicionam-se em uma sequência de fotos que permite que se pondere a força e positividade da ação de Magalhães ao longo do dia da Intervenção sem muitas palavras (Imagem 03). E, quando se faz uso das palavras, ao longo de todo escopo, se nota a adjectivação favorável para o governador de Minas Gerais, em que com termos selecionados como “articulador” ao invés do que seria correto, “conspirador”, “grande herói da insurreição vitoriosa” e expressões vencedoras como “[a]os gritos de ‘Terminou a revolução!’ e ‘Vitória!’ a multidão carrega em delírio o Governador Magalhães Pinto corroboram a essa adjectivação (O CRUZEIRO, 1964).

Todavia, essa tendência imagética do discursos da revista se marca de períodos anteriores, quando *O Cruzeiro* do mesmo modo que apresentava conteúdos variados e/ou segmentados, valia-se do uso de imagens, manifesto nas fotografias, para complementar ou apenas passar uma imagem (MOURA, 2011). Movimento que cresce, consideravelmente, com a chegada de Mazzon no espaço do Semanário e se torna evidente na edição aqui analisada, quando, na imagem da capa da revista, traz a foto – muito bem selecionada -, do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, sorridente, recebendo um beijo de sua nora, em um gesto que marca uma felicitação por uma conquista – a Revolução que pôs fim à ameaça comunista



que tanto se falou (Imagem 02). Uma vitória memorável. Ou ainda, nas imagens que se seguem nas demais páginas, que reverbera sem grandes impedimentos a posição assumida favoravelmente ao Golpe Civil-Militar e seus interlocutores.

Imagem 02: Capa da Edição Especial do Cruzeiro de 10 de Abril de 1964. Magalhães Pinto, governador de M. G. , sendo felicitado pela “conquista” pela nora.



Fonte: O Cruzeiro, Edição Extra, 10 de Abril de 1964.

Imagem 03: Matéria “Magalhães, o herói da Revolução”, p 12 - 13

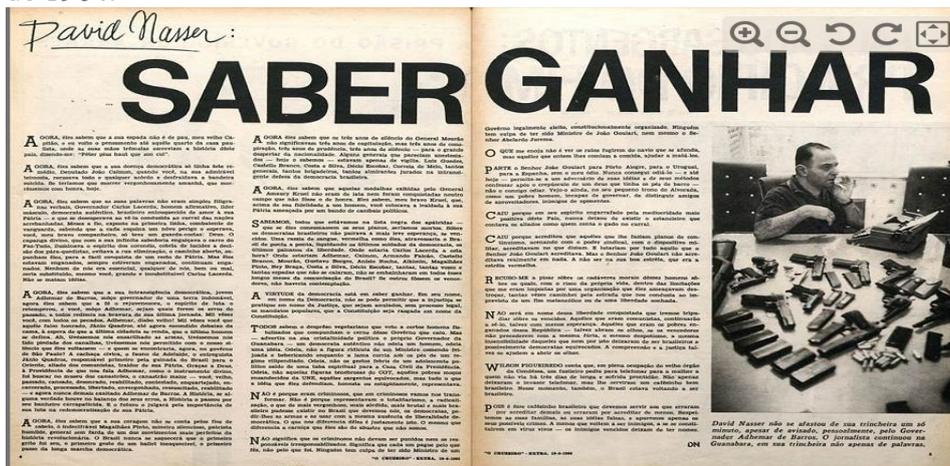


Fonte: O Cruzeiro, Edição Extra, 10 de Abril de 1964.



O discurso, mais trabalhado e acalorado, se segue entre as páginas 4 e 5 da Seção Artigos, especificamente, no texto de Nasser. Nesse, o diretor se dedica à exaltação da recente intervenção militar, principalmente, ao tecer muitos elogios à ação militar do dia 31, precisa “como um ballet” (NASSER, 1964). Torna-se por esseclero o discurso político empregado pelo Semanário, bem como seus interesse manifestadamente imparciais de mídia. Ora por sua linguagem não neutra, ora pelas proposições muito particulares de seu corpo editorial. Isso, pois, os textos que compõem a edição conjugam-se sobre o enfoque da proposta política da empresa *Cruzeiro S. A.*, muito clara em seu viés político-ideológico imparcial ao demonstrar, precisamente, a posição de seus donos bem como de seus principais escritores, que constroem as notícias e editoriais conforme suas representações particulares, como favoráveis ao Golpe Civil-Militar (CAZARIN; MENEZES, 2014).

Imagem 04: “Saber Ganhar” – Artigo da Edição Especial do *Cruzeiro* de 10 de Abril de 1964.



Fonte: **O Cruzeiro**, Edição Extra, 10 de Abril de 1964.

Nesse sentido, em “Saber Ganhar” (Imagem 4), Nasser, delimita uma ordem cronológica que dita – ocasionalmente ou não -, o que será tratado posteriormente a esse Artigo de apresentação do editorial, visto que nos escritos subsequentes surgem produções semelhanntes: a alusão a Jânio Quadros e sua possível empreitada aos meios comunistas, a citação de vários nomes que evidenciam a vitória da revolução graças a homens que não se calaram frente “a comunização do Brasil”, a redemocratização da pátria como um “grande despertar da nacionalidade”, que teve em Mourão a expressão da “vigila” e “honra dos



militares” leais à Pátria, entre outros (NASSER, 1964). Dito isso, usando-se de expressões do próprio jornalista para definir os textos, compreende-se como a edição trabalha em sentido de legitimação do golpe e afirmação contundente dos ideais anticomunistas. Essas feitas, sobretudo, pelos retratos positivos de boas figuras militares e suas ações que eram o remédio que a “doença democrática” precisava, esse manifesto, sobretudo em “um dos movimentos mais perfeitos da história revolucionária” contrário à ameaça comunista: a histórica Revolução de 1964.

Ainda, na única imagem do artigo introdutório, Nasser aparece frente a armas e munições. Nesse canário, legenda-se como não tendo se afastado de sua trincheira, “um só minuto, apesar de avisado, pessoalmente, pelo governador Adhemar de Barros. O jornalista continuou na Guanabara, em sua trincheira não apenas de palavras.” Pela texto descritivo, sobressai-se o título as reportagem – “Saber ganhar” -, em que a notoriedade do lado vitorioso é clara pela imagem repelta e armas – o militar -, principalmente, como uma virtude dada a “nós”, os ganhadores, em oposição a “eles”, as “figuras tenebrosas” da ameaça vermelha, agora perdedora. Essas figuras tenebrosas podem ser lidas na referência que caminha em Jango e sua estrela vermelha, à União Nacional dos Estudantes (UNE) e à Central Geral dos Trabalhadores (CGT), principalmente (Imagem 5).

Imagem 05: Matéria “Porque Jango caiu”



Fonte: **O Cruzeiro**, Edição Extra, 10 de Abril de 1964.



LEGENDA: “O PRESIDENTE João Goulart escolheu o caminho. Trocou o mandato por uma liderança revolucionária esquerdista.”.

O discurso central e provável que se carrega ao longo da páginas da publicação de 10 de Abril é nitidamente maniqueísta, de oposição entre bem e mal. Isso pois, no cenário evidenciado, subentende-se o Oriente Soviético e o Ocidente norte-americano como antagonicos que são e principais personificações para bem e mal. Para o primeiro delimita-se o autitário e ateu maléfico, frente a um Ocidente Capitalista, democrático e critão benéfico para o segundo, em que soviéticos eram claros opositores das liberdades políticas e democráticas, ameaça evidente à paz mundial, enquanto os Estados Unidos lutavam contra essa tendência. No exercício de transferir ao Brasil como um todo esse discurso, que o *Cruzeiro* traz desde a década anterior em suas páginas, manifestou-se à esquerda crescente no Brasil e ao governo que tinha a frente João Goulart essa ameaça latente de subversão (Imagem 5), passível de uma intervenção salvadora (BAMMANN, 2013).

À vista disso, ao longo de todos os discuros, opõem-se as linhas, letras e imagens, brasileiros, divididos entre vermelhos, “apátrias” , e os patriotas, expressos nos militares. Manifesta-se, sobretudo, o eminente medo vermelho existente antes e ainda posteriormente a instalação do Regime Militar, em que os tradicionais setores do empresariado brasileiro, assomaram-se e conjugaram o apoio civil a grupos militares, receosos, sobretudo, que um novo governo tomasse conta do Brasil e ameaçasse seus privilégios. Logo, as letras lutaram contra comunistas de “jugo vermelho” ou conta a “erva daninha da infiltração comunista” por meio do aporte a militares e da justificação por meio de seu discurso formador, essencialmente, de opinião, que legitimou a aplaudiu a intervenção do mesmo modo que a planejou anteriormente (CAZARIN; MENEZES, 2014).

Logo, se as décadas de 1960 e 1970 compreendem o auge da imprensa tradicional do Brasil, quando se fala em venda e circulação de exemplares as anteriores construíram esse cenário (MOTTA, 2013). Isso, pois amplas possibilidades de consenso e mobilização social se manifestavam através das páginas dos jornais e periódicos. Sobretudo, carrega-se a essas páginas o momento de legitimação e afirmação de um golpe de Estado às parcelas leitoras. Não obstante, não foi apenas simples objeto de perpetuação de discursos elitistas, dominantes ou estatais. Pelo contrário, se sobressai, como rica fonte de averiguação de diversos pontos de vista (MOTTA, 2013). Entretanto, cabe ressaltar, que ao apoiar a legitimidade do Golpe



Civil-Militar, não veio a se contruir um acordo de paz entre militares no governo e a grande mídia impressa brasileira, seja ela opositora ou não (MOTTA, 2013). Outrossim, fez com que o apoio de outrora se mobilizasse em forças capazes de criar uma censura institucionalizada pelo governo que agisse às claras por telefonemas, bilhetes e atuação de censores nas próprias redações. Isso porque, a relação entre o Estado e a mídia sempre manteve patamares ambíguos e complexos, visto a forte ameaça mistificada pela imprensa, com sua capacidade de formação de opinião pública e influência sobre a sociedade (MOTTA, 2013).

Diante disso, concebe-se no decorrer da Edição do semário *O Cruzeiro*, aqui analisado, como todas as proposições discurso-imagéricas explicitadas (imagens, construções, legendas, títulos de sessões e textos) compreendem mecanismos que que agregam-se como discursos de celebração pela vitória da chamada Revolução Histórica. Ademais, a revista exprime as motivações quanto à articulação do Golpe de Estado décadas antes, quando pondera-se sobre um estereótipoa ser seguido - os Estados Unidos. O que vislumbra a estruturação do Regime, mais uma vez pelo discurso, a partir de legitimar-se sobre alguns nomes em específico, e responsabiliza-se pela criação de uma memória positiva dos feitos “revolucionários”. Isto posto, o documento, seu estudo anterior e contemporâneo, possui significação absoluta para o entendimento os meandros operacionais da equação que envolve Mídia, Militares e Govenos, bem como sobre esses se formulou a ideia de que a mudança que urgia, concebia a uma Revolução inevitável capaz de salvar o Brasil da ameaça comunista que permeava o espaço nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas a imprensa se constituiu de fecundo documento quando se pensa nas cotidianidades e subjetividades da vida local. Principalmente, no cenário de ressignificação que abarcou meados do século passado, quando então da Nova História, proposta pelos Annales. Isso, pois, permitiu-se ampla apropriação e disseminação de fontes ao estudo histórico, bem como novos e renovados núcleos de pesquisas nos Programas de Pós-graduação das grandes Universidades brasileiras a partir da década de 1980, responsáveis por grandes mudanças. Nesse sentido, munir-se de suas particularidades para estudo das concepções sociais e urbanas que cercearam o Golpe Civil Militar de 1964, cede-se espaço



para que ao passo que se dimensione movimentos e decisões do período, se dirima sobre como as parcelas populacionais se prostaram nesse momento da História brasileira. Para tanto, permite uma leitura dinâmica das mentalidades e racionalidades a partir dos impressos, do mesmo modo que se conceba a força e essencialidade do discurso e da imagem na construção social de inimigos a serem extirpados/destruídos em situações necessárias.

Logo, concebe-se como crenças, medos e dúvidas são capazes de derrubar governos. Assim, nesse cenário que circundava o Brasil, o governo de João Goulart assomou-se da suposta ameaça internacional manifesta no Comunismo, em que por ferrenha atuação de uma imprensa motivada e particularmente direcionada a concretizar interesses de grupos particulares, se consubstanciou um ambiente de tensões sociais e políticas que resguardava uma ação. À vista disso, movimentaram-se grupos específicos em sentido de construção da queda de Jango, o que é possível notar, essencialmente, pelo discurso empegado pela grande mídia do eixo Rio-São Paulo às vésperas do acontecimento. Isso, pois, é possível que se encontre críticas, charges, editoriais que elencam uma provável expansão soviética sobre o planeta todo e principalmente sobre a América, desde a década de 1950 e com maior clareza na década de 1960, em um nítido discurso que marca-se pelo bem – alusão às ações estadunidenses -, em oposição ao mal – definido nas ações Soviéticas. Diante disso, a mídia se encarregou de apoiar a Intervenção Militar do dia 31 de Março de 1964, movimento essencialmente claro na Edição Especial do *Cruzeiro* de 10 de Abril de 1964, aqui esmiuçada em sentido de compreensão de como se deu esse interim.

Isso porque, as edições de *O Cruzeiro*, pertencentes à tradicional família Chateaubriand da mídia, ao longo de sua longa trajetória nos impressos brasileiros, marcou-se pelo discurso politizado pró-Estados Unidos e Capitalismo, frente a arraigada oposição às ameaças manifestas no Comunismo e avanço Soviético. Essa posição política do Semanário em particular descortina-se sobre um aspecto latente da relação política-mídia no Brasil, haja vista que ambas se desenvolvem paralelamente e com interesses muito vinculados quando se pondera sobre os rumos e decisões mais importantes do país. Logo, é possível compreender, por meio da análise aqui desempenhada e através das páginas e letras de *O Cruzeiro*, como a imprensa brasileira da década de 1960 foi artífice das construções político-sociais-democráticas que deporaram o legitimado Jango em favor de um governo de cunho militar, que permaneceria em Brasília por duas décadas.



Assim, perante toda adjetivação e contrução que carrega-se ao Semanário, concebe-se como a produção não discursou de modo neutro por suas imagens, texto e construções. Pelo contrário trabalhou em sentido de favorecimento, legitimação e afirmação de um discurso que se familiariza e vê representado nos militares que ocuparam Brasília. Isto posto, subentende-se como cada uma das proposições não se desviam de interesses e desejos dos próprios construtores e investidores da revista, já que notadamente são setores com poder de voto sobre situações muito particulares do Brasil, historicamente. Assim, a edição, bem como outras contemporâneas, constitui-se de rica fonte primária pelo uso discurso e imagético através de seus traços e entrelinhas, imagens e construções propositais, o que as subleva a condição de testemunha do período, principalmente ao permitir que se reconstrua o apoio intersetorial que se deu ao Golpe e como coube a mídia legitimar pelo seu local de fala o então movimento revolucionário.

Nesse sentido, 1964, enquanto ato civil-militar, subleva-se como uma terceira via do despertar político que se segue às épocas de crise: a autoritária. Notoriamente, carrega traços e características impulsionados pelas elites locais – expressa em grandes empresários e setores da imprensa, sobretudo -, que culminaram na deposição de um governo legitimado, como era o caso de João Goulart, e posterior instauração, por duas décadas, de um regime autoritário que abusou de sua autoridade de poder, em diversos aspectos, agindo, sobretudo, de modo antidemocrático na busca do controle sobre a sociedade e suas liberdades individuais. Ademais, evidencia-se aqui o papel da mídia impressa na construção de “verdades”, inimigos, ameaças e opiniões. Assim, pelo uso discurso imagético, consubstanciado nos meios impressos, é possível que se tracem esboços consistentes sobre os meios relacionais que cerceavam os cidadãos brasileiros, bem como averiguar como se deu a relação entre mídia impressa e Regime no que tange a explicitar apoio inicial e posterior oposição ao longo dos anos de relação proximal e afetiva à opositora censurada.

## REFERÊNCIAS

BAMMANN, K. A Revista O Cruzeiro: apoio às políticas dos Estados Unidos e Identificação com American Way of Life. Simpósio Nacional de História, 27, Natal, 2013. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364656271\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH2013KellenBammann.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364656271_ARQUIVO_ArtigoANPUH2013KellenBammann.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.



BRASIL. B. O Cruzeiro. **Biblioteca Nacional Digital**, *on-line*, nov. 2015. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CAZAIN, E. A.; MENEZES, E. S. de. A mídia e o golpe de 1964: revista O Cruzeiro como aliada do discurso das forças militares. **Conexão Letras**, *on-line*, v. 9, n. 11, p. 111 – 122, 2014.

David Nasser, o repórter que inventava a notícia. **O Estado de São Paulo**, *on-line*, 05 de Novembro de 2011. Cultura. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,david-nasser-o-reporter-que-inventava-a-noticia,20011104p4531>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

KNACK, D. O Tema da Corrupção durante o Regime Militar Brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **O combate à corrupção durante a ditadura militar por meio da Comissão Geral de Investigações (1968-1978)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2014.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, T. R. de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, 149-175.

MOTTA, R. P. S. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 62-85, 2013.

O CRUZEIRO. In: **CPDOC**. *On-line*. 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MOURA, R. L. Gênero Jornalístico na Revista O Cruzeiro. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, Recife, 2011. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2540-1.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

NASSER, D. Saber Ganhar. **O Cruzeiro: Revista**. Rio de Janeiro, RJ, 10 de Abril de 1964. Artigo, p. 4 – 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=0>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

**O CRUZEIRO**, Revista. Rio de Janeiro, RJ, 10 de Abril de 1964. Artigo, p. 4 – 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=0>>. Acesso em: 14 nov. 2018.



SERPA, L. A. Contribuição de O Cruzeiro para com o Jornalismo Brasileiro. In: Congresso Nacional de História da Mídia, 5, São Paulo, 2007. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <<https://docplayer.com.br/41521854-A-contribuicao-de-o-cruzeiro-para-com-o-jornalismo-brasileiro.html>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

VIEIRA, M. P. A. et al, Imprensa como fonte de pesquisa histórica. **Projeto história**, nº 3, *on-line*, p. 47 – 54, 1984.

ZICMAN, R. B. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. In: Revista História e Historiografia, nº 4. São Paulo: Educ, 1985.